

A VOLTA DE JESUS NO CONTEXTO DO DISPENSACIONALISMO FUTURISTA EM CONEXÃO COM O ARREBATAMENTO SECRETO

IVANAUDO B. OLIVEIRA¹

Resumo: A doutrina do arrebatamento secreto relacionado com a segunda vinda de Jesus teve seu fundamento teológico baseado numa sequência de pressupostos fundamentados na escola futurista de interpretação. A escola futurista foi criada para contrapor o pensamento dos reformadores que afirmavam, com base na escola historicista de interpretação, que o papado é o anticristo predito nas profecias de Daniel e Apocalipse. Para livrar o papado do cumprimento dessas profecias, foi criada a escola futurista, afirmando que tais profecias mencionadas pelos reformadores ainda vão se cumprir no futuro. Em cima desse preposto, outros teólogos acrescentaram que o plano da salvação foi delineado para a humanidade em dispensações. Assim, na última dispensação, aparecerá o anticristo nos últimos sete anos da história. Simultaneamente ao aparecimento do anticristo, o Cristo verdadeiro virá secretamente à Terra e arrebatará os fiéis numa primeira etapa. Após sete anos, então, o Senhor Jesus virá em Sua segunda vinda para buscar os que se arrependem durante os sete anos de tribulação.

Palavras-chave: Dispensacionalismo; Futurismo; Arrebatamento Secreto; Segunda Vinda de Jesus.

¹ Mestre em Crescimento de Igreja (Unasp, Engenheiro Coelho – SP). Doutorando em Crescimento de Igreja (Unasp, Engenheiro Coelho – SP). Professor no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (IAP, Ivatuba – PR). Contato: ivanaudo@gmail.com.

JESUS' RETURN IN THE CONTEXT OF FUTURIST DISPENSATIONALISM IN CONNECTION WITH THE SECRET RAPTURE

Abstract: The secret rapture doctrine related to the second coming of Jesus had its theological foundation based on a sequence of assumptions grounded in the futurist school of interpretation. Futurism was created to counter the Reformers' thinking, who claimed, based on the historicist school of interpretation, that papacy is the antichrist foretold in the prophecies of Daniel and Revelation. Therefore, futurism was created to rid the papacy of these prophecies' fulfillment, asserting that they will still be fulfilled in the future. Additionally, other theologians have added that the plan of salvation has been laid out for humankind in dispensations. Thus, the antichrist will appear in the last seven years of history in the last dispensation. Simultaneously with the appearance of the antichrist, the true Christ will secretly come to earth and take the faithful to heaven. After seven years, the Lord Jesus will come, at His second coming, for those who repent during the seven years of tribulation.

Keywords: Dispensationalism; Futurism; Secret Rapture; Second Coming of Jesus.

1. Introdução

Os reformadores Martinho Lutero e João Calvino, entre outros que vieram antes deles, como John Wycliffe e João Huss, haviam concluído que a igreja romana era o poder do anticristo profetizado em Daniel e Apocalipse (NELSON, 2004). Então, em desespero, Roma conclamou o Concílio de Trento para tentar neutralizar o desafio constrangedor pregado e ensinado pelos reformadores. Surgiu, então, a figura do padre espanhol Francisco Ribera (1537-1591), que durante 20 anos escreveu um comentário sobre o Apocalipse com 500 páginas intitulado *Em Sacrum Beati Ioannis Apostoli e Evangelistiae Apocalypsin Commentarii*.

Ribera introduziu o futurismo como um novo método de interpretação da Bíblia, tomando as profecias de Daniel e Apocalipse que, na visão historicista, tiveram seus cumprimentos ao longo da história, e aplicando-as ao futuro.

Segundo a escola historicista de interpretação das profecias apocalípticas de Daniel e Apocalipse, o anticristo representa o poder romano. No entanto, Ribera concluiu, com seu método futurista, que a igreja romana não cumpre o papel do anticristo, uma vez que ele (o anticristo) aparecerá somente no futuro, durante o período dos sete anos de tribulação. George Ladd (1956, p. 47) afirma:

Em 1950, Ribera publicou um comentário sobre o Apocalipse como uma contra interpretação à opinião historicista prevalecente entre os protestantes, que identificavam o papado como o anticristo. Ribera aplicou todo o Apocalipse, com exceção dos primeiros capítulos, ao fim dos tempos, em vez de à história da igreja. O anticristo seria um simples indivíduo maligno que seria recebido pelos judeus e reconstruiria Jerusalém e dominaria o mundo por três anos e meio.

A teologia de Ribera foi aceita e defendida pelo Cardeal Roberto Belarmino (1542-1621) (BACCHIOCCHI, 1997), que se tornou um oponente do princípio dia-ano e aplicou o chifre pequeno de Daniel ao rei Antíoco IV Epifânio, defendido pela escola de interpretação profética

preterista. Vale salientar que a escola de interpretação historicista aplicava até então o chifre pequeno ao papado (FROOM, 1950).

Posteriormente, um pregador irlandês chamado John Nelson Darby (1800-1882) criou um método semelhante de interpretação da Bíblia chamado de dispensacionalismo, o qual ensinava que a história da redenção está dividida em distintas dispensações ou segmentos de tempo, nos quais Deus atua na humanidade de maneiras diferentes (BACCHIOCCHI, 2012).

Nesse método de interpretação de Darby, o anticristo virá para governar o mundo durante os últimos sete anos da história da humanidade. Ele fará aliança com Israel e reconstruirá o templo e os serviços religiosos em Jerusalém. Mas, na metade desses sete anos, abolirá os serviços religiosos e os sacrifícios em Jerusalém, criará um caos em todo o mundo e se tornará um ditador implacável. Com isso, causará a chamada “grande tribulação” em todo o mundo.

Darby afirma que, no início desses sete anos, Jesus virá e fará o arrebatamento secreto dos fiéis. O mundo entrará num caos sem precedentes na história. Então, no final desses sete anos, Jesus voltará à Terra para buscar os que se arrependeram durante esses sete anos.

Continuando a linha do futurismo de Ribera e o dispensacionalismo de Darby, apareceu Cyrus Ingerson Scofield (1843-1921), do Kansas (EUA), que iniciou os primeiros manuscritos que deram origem à *Bíblia Scofield*, que tem sido uma base de apoio para a propagação do dispensacionalismo desde o ano de 1909. Posteriormente, apareceram os escritores norte-americanos Tim LaHaye e Jerry Jenkins, que escreveram uma série de livros denominados *Left Behind* (Deixados para trás), os quais geraram o filme *Deixados para Trás*, assistido por milhões de espectadores no mundo todo.

Um dos maiores propagadores do futurismo dispensacionalista nas últimas décadas tem sido Hal Lindsay, com a publicação de seu livro *The Late Great Planet Earth* (O futuro do grande planeta Terra), que obteve grande popularidade mundial (LINDSAY, 1970).

O gráfico a seguir ilustra o pensamento expresso anteriormente:

Plano Escatológico (Fim dos Tempos)



As perguntas chave que precisam ser respondidas nessa leitura da volta de Jesus em relação à interpretação dispensacionalista são: 1) Podemos encontrar nas profecias bíblicas apoio para o cumprimento das promessas messiânicas em Israel como nação literal? 2) Podemos encontrar na Bíblia apoio para esses sete anos entre o arrebatamento secreto e a

segunda vinda de Jesus? 3) Os perdidos terão uma segunda oportunidade de salvação após o arrebatamento secreto? 4) Há apoio bíblico para o arrebatamento secreto?

O restante do presente artigo busca respostas bíblica para esses questionamentos.

2. As Profecias Condicionais do AT

A condicionalidade da aliança é vista em textos que descrevem o pacto de Yahweh com Seu povo. Deuteronômio 30:1-4, 10 descreve os últimos discursos que Moisés proferiu ao povo pouco antes da entrada na terra prometida. Nota-se a condicionalidade da promessa (v. 2, 4), levando o leitor a indagar: Israel foi fiel à aliança? A infidelidade de Israel levou à sua destruição em 722 a.C., quando os assírios invadiram o reino de Israel (Norte) e levaram a nação para o cativeiro. O reino do Sul ainda continuou fiel por mais alguns anos, mas, finalmente, por volta do ano 600 a.C., veio Nabucodonosor, rei da Babilônia, e levou a nação de Judá para o cativeiro (ver 2Cr 36:17-19; Jr 38:1-10).

Todavia, uma análise atenta do discurso de Moisés indicará que há a probabilidade de retorno à terra prometida se houver um retorno à obediência. Notemos que o amor de Deus não era condicional, mas a profecia era contingente ao arrependimento. A profecia de Jeremias afirmou que Deus traria Seu povo de volta à sua terra depois de 70 anos de cativeiro (Jr 25:11).

Enquanto estavam no cativeiro, três profetas se destacaram: Daniel na corte de Babilônia, Ezequiel com os pobres espalhados pelo reino caldeu e Jeremias com os que sobraram em Judá. Cada um desses profetas exortava o povo a ser fiel a Deus e voltar para sua terra. O profeta Ezequiel, que estava no cativeiro da Babilônia, escreveu, em prantos, que Deus desejava trazer Seu povo de volta à sua terra e anelava que a divisão ocorrida no passado fosse sanada e houvesse somente um rei e somente uma nação (Ez 37:21-23).

Então, Deus volta a dizer que vai pastorear seu povo outra vez. E quem seria esse pastor? (Ez 34:24). As Escrituras afirmam que seria Davi; porém, como Davi já estava morto havia muito tempo, o leitor é levado a concluir que “Davi” é apresentado como a figura de um rei davídico vindouro, o qual a interpretação cristã dessa expectativa descreve como o Messias. Ezequiel 34:11, 15 aponta que Deus apascentará seu povo, embora este tenha falhado. Ellen G. White (2013, p. 285) afirma que “os israelitas falharam no cumprimento do desígnio de Deus, deixando assim de receber as bênçãos que lhes teriam pertencido”. LaRondelle (2002, p. 103) esclarece: “O foco de Ezequiel nas promessas de restauração não é primariamente sobre o retorno de Israel à terra prometida, mas ao seu retorno a Jeová.”

LaRondelle (2002, p. 101) afirma ainda “que Deus expurgará os exilados israelitas no ‘deserto das nações’ de sua contaminada idolatria e espírito de secularização, de maneira que apenas um Israel arrependido e purificado retornará à sua terra” (Ez 20:32-36)”. Se as bênçãos eram condicionais e o povo desobedeceu, isso cancelaria a promessa? Ou teria fracassado o plano de Deus? Isaías 11:1-4, 6-9 afirma que o povo de Deus falhou—os reis de Israel e Judá falharam, os líderes espirituais falharam—, mas a promessa de Deus está centralizada em Cristo; portanto, a promessa não falharia, porque Deus buscaria um remanescente que fosse fiel para cumpri-la.

O que dificulta a compreensão desses textos do Antigo Testamento (AT) que descrevem as promessas feitas a Israel é a falta de compreensão do significado da condicionalidade das profecias. No caso de Israel, a doutrina da eleição poderia ser interpretada como Israel sendo o povo de Deus sem nenhum escrutínio, e, assim, todas as promessas relacionadas ao povo de Deus se cumpririam mais cedo ou mais tarde, incluindo o tempo neotestamentário.

O erro de tal lógica é que as promessas estavam condicionadas à obediência a Deus como parte da relação de aliança. Por essa razão, quando Israel retornou à sua terra em 1948, tal

crença parecia confirmar o cumprimento das promessas de restauração do AT, e alimentou a crença da teologia dispensacionalista entre muitos cristãos.

Ignorar o princípio bíblico da condicionalidade profética pode abrir uma enorme porta para toda sorte de distorções. A profecia condicional é um princípio de interpretação bíblica que se aplica às declarações de natureza preditivas que são contingentes à escolha humana. Tal princípio é ilustrado de forma representativa em Deuteronômio 28: “E será que se ouvires a voz do SENHOR, teu Deus [...]” (v. 1), e a narrativa passa a descrever os resultados da desobediência. Por outro lado, “[...] se não deres ouvidos a voz do SENHOR, teu Deus [...]” (v. 15), as consequências seriam modificadas, tomando rumo diametralmente oposto (RODOR, 2007, p. 54). Assim, essas promessas estavam condicionadas à obediência.

3. O Cumprimento das Profecias Condicionais do AT Feitas a Israel no NT

Após os dois grandes cativeros de Judá e de Israel, a maioria desses povos ficou perdida entre as nações para onde foi levada. Mas um remanescente voltou para sua terra e recomeçou a reconstrução de sua nação. Como ficam as profecias do AT que falavam do ajuntamento do povo de Deus na geografia da terra prometida?

As promessas de Deus feitas a Israel através de Moisés tiveram um cumprimento geográfico. João 1:11 afirma que Jesus “veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam”. Ainda João 10:11, 16 acrescenta que Jesus é o bom pastor e tem outras ovelhas (gentios) que não são daquele aprisco, mas serão, porque Ele vai ajuntá-las. Isso ocorreria em cumprimento de Isaías 56:8. Então João conclui: “Haverá um só rebanho e um só Pastor” (Jo 10:16). Quem seria esse pastor? Jesus. Sendo assim, no Novo Testamento (NT), o cumprimento da promessa envolverá dois pilares.

O primeiro pilar é cristológico e não geográfico. A profecia indica que o ajuntamento seria em Cristo (Mt 18:20) e não numa cidade ou montanha ou numa geografia qualquer. Além disso, Jesus diz que haveria um só rebanho. Então admite que o pastor desse rebanho seria Ele mesmo (Jo 10:16). Já o segundo pilar é o cumprimento eclesiológico. O livro de Atos descreve o cumprimento da promessa: Cristo será o pastor de um povo, de uma igreja (At 15:14-17).

A interpretação literal dessas profecias do AT no NT trará confusão e especulação. LaRondelle chama essa linha de interpretação dispensacionalista de abortiva e inadequada, gerando, assim, um problema interpretativo:

O problema com o literalismo dispensacionalista não está no seu exemplo do cumprimento concreto-histórico e visível da profecia de Israel, mas o seu literalismo está muito destituído da proeminência transcendente e da transformação gloriosa do futuro cumprimento da profecia na história humana (LARONDELLE, 2002 p. 61).

Essa linha de interpretação tem suas origens, como já mencionado, em John Darby (1800-1882), e foi e é propagada pelo Seminário Teológico Batista de Dallas, nos Estados Unidos da América. Tal interpretação popularizou-se e é aceita entre parte dos evangélicos fundamentalistas, pentecostais e carismáticos.

4. Evidências Bíblicas para os Sete Anos entre o Arrebatamento Secreto e a Segunda Vinda de Jesus

A ideia de alguém obter salvação pelo simples fato de ir a Jerusalém, ou a Israel ou a um monte santo qualquer, na nova dispensação, carece de apoio bíblico. Assim, o pensamento dispensacionalista faz uma interpretação sem controles textuais para encaixar os sete anos. Ao interpretar a profecia de Daniel 9:24-27, que fala de semanas de anos, os dispensacionalistas arrancam esses sete anos relacionados com o período que vai do batismo de Jesus no ano 27 d.C. até o ano 34 d.C., com o apedrejamento de Estêvão, e os colocam no final dos tempos. Todavia, a extração dessa semana (ou sete anos) descrita em Daniel 9, e o deslocamento de seu contexto em cerca de dois mil anos, não possui nenhuma base hermenêutica convincente.

Por exemplo, o pensamento dispensacionalista de R. H. Blodgett (1980), no livro *A doutrina do arrebatamento secreto à luz da Bíblia*, descreve o arrebatamento secreto de forma espetacular: pessoas desaparecem misteriosamente, pilotos abandonam o avião, motoristas são levados, e assim segue a dramática história desses acontecimentos.

Blodgett faz o embasamento teológico de sua tese com base em Daniel 9:24-25. Ele afirma:

Se aceitarmos o “dia” simbólico, isto é, que um dia representa um ano literal na história, podemos estabelecer que as primeiras sessenta e nove semanas (ou seja 483 dias ou anos) terminaram no tempo em que Jesus começou o Seu ministério como Messias. Isso só por si é uma boa razão para aceitar a ideia de que o dia simbólico se refere a um ano literal na profecia bíblica (BLODGETT, 1980, p. 28).

Essa explicação é convincente e tem base sólida. Entretanto, no parágrafo seguinte, o autor afirma:

No entanto, para os crentes no arrebatamento, *torna-se difícil encontrar algo no passado para representar os sete anos finais da profecia de Daniel*. Por isso concluem que os sete anos finais devem *separar-se do resto da profecia*. Aplicam-nos, portanto, a um acontecimento futuro, que ocorre imediatamente antes da segunda vinda de Cristo (BLODGETT, 1980, p. 29, grifo nosso).

Apesar de a profecia indicar o período das 70 semanas, a mesma profecia divide o período em sete semanas, 62 semanas e uma semana, totalizando 70 (Dn 9:24-27). Nesse texto não há intervalo, tampouco interrupção. Portanto, extrair a última semana das 70, separando-a por um período de quase dois mil anos, poderia ser considerado como uma violação de qualquer regra básica de interpretação da profecia. Além de admitir que é difícil encontrar base nos escritos mencionados para apoiar a ideia dispensacionalista.

5. A Possibilidade de uma Segunda Oportunidade de Salvação para os Perdidos após o Arrebatamento Secreto

E quanto à ideia de os ímpios terem uma segunda oportunidade entre o arrebatamento secreto e a segunda vinda de Jesus? Hebreus 9:27-28 afirma que depois da vinda de Jesus já não haverá mais o problema do pecado. Depois da Sua vinda, virá o juízo, e não uma segunda oportunidade. Em todos os textos bíblicos encontra-se o mesmo desafio. Portanto, a oportunidade de salvação do pecador é oportunizada nesta vida, antes da segunda vinda de

Jesus (Hb 3:15). Portanto, a afirmação de que as pessoas que rejeitaram o oferecimento da graça terão uma segunda oportunidade após o arrebatamento secreto, antes da segunda vinda de Jesus, carece de justificativa bíblica.

6. Evidência Bíblica sobre a Ideia do Arrebatamento Secreto

As Escrituras não apoiam a ideia de duas vindas de Jesus à Terra: uma secreta e outra visível. Mateus 24:30 afirma: “Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; *todos os povos da terra* se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória.” De igual forma, Apocalipse 1:7, referindo-se a Jesus, afirma “Eis que vem com as nuvens, e *todo olho O verá*, até quantos O traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre Ele. Certamente. Amém” (grifo nosso).

Percebe-se que a descrição sobre o retorno de Jesus arremete a uma aparição gloriosa e visível a todos, em uma única vez. Hebreus concorda com o mesmo pensamento de Mateus e de João ao afirmar: “Assim também Cristo, tendo-Se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que O aguardam para a salvação” (Hb 9:28). Com clareza meridiana, todos os versos apontam para a mesma direção, isto é, o aparecimento de Jesus em sua segunda vinda acontecerá em apenas uma etapa, não em duas.

Um segundo ponto importante é a descrição de Paulo aos coríntios sobre a unidade que há entre a volta de Jesus, a ressurreição dos mortos e a transformação dos salvos vivos em um só momento. Paulo descreve sons, trombetas, alarido e voz de arcanjo (1Co 15:51-52). Todos esses termos não estão sendo usados como linguagem simbólica, mas como algo real. Unindo o que Paulo fala aos tessalonicenses com o que apresenta aos coríntios e o que Mateus cita como palavras de Jesus, temos um quadro completo de sua *parousia* em um só momento, não em dois. Em resumo, a volta de Jesus será um acontecimento real e único com as seguintes características: visível, audível e pessoal (QUESTÕES SOBRE DOCTRINA, 2008). Isso desfaz o argumento de uma vinda em dois momentos, sendo uma secreta e a outra visível.

Os vários vocábulos usados nas Escrituras para o evento da *parousia* descrevem-na como um evento único. São diferentes expressões, tais como: “manifestação (Tt 2:13), vinda (Tg 5:8), voltar (Lc 19:12), face do Senhor (2Ts 1:9), aparecerá segunda vez (Hb 9:28), virei outra vez (Jo 14:3). [...] Referiu-se repetidamente à Sua ‘vinda’ sem nenhuma indicação de um advento de dois cenários ou uma vinda preliminar, secreta ou outra qualquer, para o arrebatamento dos santos” (QUESTÕES SOBRE DOCTRINA, 2008, p. 321).

Sumarizando, a Bíblia não apoia o arrebatamento secreto. Jesus virá com grande clangor de trombetas (Mt 24:31), como o relâmpago que se mostra no céu (Mt 24:27), com alarido e com a trombeta de Deus (1Ts 4:16-20). Outro verso continua dizendo que, quando ele vier, todo olho o verá (Ap 1:7).

7. Considerações Finais – O Novo Israel

Historicamente, depois de quase dois mil anos de desterro, Israel voltou à sua terra em 1948 e é reconhecido como nação. Profeticamente e escatologicamente não há nenhum cumprimento profético nesse retorno, porque o povo judeu rejeitou Jesus (Jo 1:11). Entretanto, Ele afirmou que tentou de tudo para ajuntá-los, mas eles não quiseram. Então acrescentou que a casa deles iria ficar deserta (Mt 23:37-38) e que o reino seria tirado deles e seria dado a outro povo que produzisse os frutos (Mt 21:43).

O leitor pode se perguntar: e como fica a salvação do povo judeu se eles foram rejeitados? Indo direto ao ponto, a salvação dos judeus fica como a salvação de qualquer pessoa. Basta que se una a Cristo e a Sua igreja que serão aceitos como ovelhas do bom pastor – Jesus (Jo 10:16). Paulo esclarece esse ponto de maneira magistral, afirmando que na nova dispensação não há geografia, nem raça, nem cor, nem etnia. A promessa será cumprida em Cristo e em Sua igreja e não numa área geográfica (Gl 3:26-29).

O NT não conhece nenhum plano subsidiário em favor da nação judaica. Gálatas 3:28 insiste que não há mais “judeu nem grego [...], porque todos vós sois um em Cristo Jesus”. Os que são de Cristo tornam-se os verdadeiros filhos de Abraão e herdeiros conforme a promessa (Gl 3:29). As palavras de Efésios 2:11-22 esclarecem que, aos olhos de Deus, não há mais judeus e gentios, mas por meio de Cristo ambos se tornaram um na igreja cristã, a qual é fundada sobre ambos, os apóstolos do NT e os profetas do AT (RODOR, 2007).

Em conclusão, argumentamos que a Bíblia responde negativamente às quatro perguntas formuladas no início do presente artigo. Portanto, em relação à volta de Jesus, o ensinamento bíblico recomenda estar preparado para estar unido a Cristo e à Sua igreja, porque um dia Ele cumprirá Sua promessa com o remanescente fiel, não importando se este seja judeu ou gentio. Essa promessa será cumprida de maneira visível, corpórea, real e deslumbrante diante de todos os olhos e não através de um ato duplo, sendo um secreto e o outro depois de sete anos. Por essa ocasião, ninguém será deixado para trás. A oportunidade de salvação é estendida antes do retorno de Jesus, segundo o ensino do NT. Assim, o arrebatamento, segundo descrito na Bíblia, é visível, audível, grandioso e espetacular quando Jesus vier nas nuvens do céu com os santos anjos e com Sua comitiva celestial.

Referências

BACCHIOCCI, Samuele. **The Advent Hope for Human Hopelessness: A Theological Study of the Meaning of the Second Advent for Today**. Berrien Springs, MI: Biblical Perspectives, 1986.

BLODGETT, R. H. **A Doutrina do Arrebatamento Secreto à Luz da Bíblia**. Mountain View, CA: Pacific Press, 1980.

Declaration of Independence, 1948. Disponível em: <https://israeled.org/declaration-of-independence/>. Acesso em: 01 abr. 2022.

FROOM, LeRoy Edwin. **The Prophetic Faith of Our Fathers: The Historical Development of Prophetic Interpretation**. Washington, DC: Review and Herald, 1950.

LADD, George Eldon. **The Blessed Hope: A Biblical Study of the Second Advent and the Rapture**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1956.

LARONDELLE, Hans K. **O Israel de Deus na Profecia: princípios de interpretação profética**. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2002.

LINDSAY, Hal. **The Late Great Planet Earth**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1970.

NELSON, Dwight. **Ninguém Será Deixado para Trás**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

Questões Sobre Doutrina: o clássico mais polêmico da história do adventismo. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

RODOR, Amin A. Israel e o novo Israel. **Parousia**, v. 6, n. 1, p. 53–66, 2007.

TIMM, Alberto R.; RODOR, Amin A.; DORNELES, Vanderlei (orgs.). **O Futuro**: a visão adventista dos últimos acontecimentos. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2004.

WHITE, Ellen G. **A Ciência do Bom Viver**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.